

As “Três Marias” em tempos de curadoria digital

Clarissa Schmidt¹

Museus, arquivos e bibliotecas são instituições que, historicamente, dedicam-se a organizar, preservar e dar acesso aos seus acervos, considerados patrimônio histórico e cultural, tendo como missão comum tornar acessível a informação contida em seus documentos.

Nesse sentido, ao buscar aproximações entre museólogos, arquivistas e bibliotecários, justificando que mesmo com suas diferenças institucionais e profissionais, contribuem de forma complementar para a organização da informação nas instituições, existindo entre si fortes laços de parentesco, Johanna Smit (1993) nos apresenta a perspectiva das “Três Marias”.

A denominação "Três Marias" visa identificar cada categoria profissional por um nome simbólico: Maria (uma loira, uma morena e uma ruiva), e reunindo as três irmãs numa família na qual cada irmã ignora em boa parte a atuação profissional, os princípios teóricos e as metodologias de trabalho das demais. Vale ressaltar que essa abordagem das “Três Marias” foi elaborada em tempos de, somente, acervos em suportes físicos.

Assim, pode-se dizer que, nessa indiferença que coexiste no convívio das “Três Marias”, acaba predominando o discurso corporativista, e não necessariamente aqueles relacionados às especificidades dos documentos, pois, frequentemente, a denominação do "lugar" que organiza e trata o acervo faz supor uma demarcação rígida entre museus, arquivos e bibliotecas. Ou seja, em termos de teorias e metodologias de trabalho,

¹ Professora Adjunta no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense – UFF, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense - PPGCI/UFF e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ) da UNIRIO. É doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Sua Tese intitulada “Arquivologia e a construção de seu objeto científico: trajetórias, concepções, contextualizações” foi vencedora do II Prêmio Maria Odila Fonseca, oferecido pela AAB - Associação dos Arquivistas Brasileiros. Graduada em Arquivologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em História Social e bacharel em Ciências Sociais, ambos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sua experiência profissional é voltada à Gestão da Informação e de Documentos, Arquivos Permanentes e Memória Empresarial. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/9398149996443387>

prevalece a lógica de organização e a prática do profissional de acordo com a natureza da instituição.

Todavia, no contemporâneo, tais demarcações tendem a desaparecer, dada a ausência de fisicalidade dos suportes documentais e informacionais, além do constante e irreversível desenvolvimento tecnológico. Com isso, muito se discute acerca da produção, seleção, preservação, acesso e custódia de acervos e repositórios digitais.

Nessa perspectiva, surge como alternativa a curadoria digital, que se ocupa da gestão e preservação de recursos digitais durante todo o seu ciclo de vida, envolvendo os processos de arquivamento e preservação digital, de modo a permitir que sejam continuamente acessíveis e recuperados.

Em tempos de curadoria digital, o que nos instiga são os discursos que afirmam que o uso crescente dos recursos digitais acabará por diluir as barreiras existentes entre as “Três Marias”. Nossa indagação não reside numa possível inexistência de fronteiras entre as três áreas, mas sim por elencar ao digital e sua ausência de lugar físico a dispensável especificidade em sua organização e tratamento. Isso é algo que, indiscutivelmente, permite a perda de significados e características singulares dos documentos, como origem, formato e funcionalidade, apenas para citar algumas.

Portanto, o que observamos são dois discursos: um pautado na demarcação física, isto é, na organização e no tratamento dos acervos, na utilização de teorias e metodologias a partir do “lugar”, da natureza da instituição que os custodiam, e outro ancorado na perspectiva do digital, na qual os acervos não são mais físicos, não têm mais “lugar”, sendo considerados informação digital e assim tratados, independentemente de sua natureza. Ou seja, na polarização da gestão de acervos de museus, arquivos e bibliotecas pela natureza da instituição de custódia X curadoria digital, os territórios disciplinares de cada uma das “Três Marias” não são respeitados. Para além da figura do museólogo, do arquivista e do bibliotecário, há agora o “curador digital”.

Nesse cenário, é urgente chamar a atenção para as necessidades de aproximação entre as três profissões – museólogos, arquivistas e bibliotecários - que, apesar de compartilharem objetivos próximos, dificilmente unem esforços, muitas vezes ignorando umas às outras, dando margem a discursos que emergem como “salvação” e dificilmente reconhecem as funções específicas de cada “Maria”, a constituição de seus acervos, a natureza de seus documentos, bem como suas características predominantes.

Precisamos, cada vez mais, ter uma melhor compreensão das semelhanças e diferenças utilizadas na organização e no tratamento de acervos nas instituições de custódia de nosso patrimônio histórico e cultural, de modo a desenvolver novas maneiras de integrar as “Três Marias”, tendo como eixo condutor a natureza e a especificidade dos documentos, e não seu suporte. Dessa forma seremos capazes de facilitar o acesso às fontes de informação, tornando possível à sociedade utilizá-las para os mais diversos fins, cumprindo a função social dessas instituições e profissões.

Por fim, ainda que o reconhecimento da autonomia epistemológica de cada uma das “Três Marias”, além dos traços distintos de cada natureza institucional, seja evidente, é fato que na prática não é isso que costumamos ver ao analisarmos a organização e o tratamento de documentos em instituições de custódia. Afinal, é o correto processamento técnico dos acervos que manifesta seu potencial informativo, permitindo a produção de conhecimentos. Resta saber em que medida as relações entre as “Três Marias” e a curadoria digital tornarão isso possível.

REFERÊNCIA

SMIT, J. W. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 26, n. 1/2, p. 81-85, 1993.